



psicologia

AG

BULLYING

Prevenção e detecção precoce são fundamentais



O **CONCEITO** de bullying apareceu como resposta à necessidade de caracterizar um tipo particular de agressão em contexto escolar que ocorre entre colegas/amigos. O bullying é, portanto, um tipo especial de comportamento agressivo, no qual existe desequilíbrio de poder e em que o acto agressivo é intencional e repetido ao longo do tempo, não podendo ser encarado como um comportamento agressivo que faça parte do processo normal do desenvolvimento infantil.

Este comportamento agressivo específico pode ser:

► **FÍSICO** – Como por exemplo, empurrões, obrigar os(as) colegas a realizar tarefas contra a sua vontade;

► **VERBAL** – Tais como gozar, insultar, ameaçar, colocar alcunhas desagradáveis;

► **PSICOLÓGICO** – Como, por exemplo, espalhar boatos para denegrir a reputação de um(a) colega, fazer “caretas” ou gestos impróprios, excluir um(a) colega do “grupo dos amigos fixes”; e/ou

► **SEXUAL** – Coagir e/ou abusar sexualmente de um(a) colega.

É importante salientar que o bullying não resulta de qualquer tipo de provocação ou ameaça prévia, o que indicia que

qualquer criança poderá ser vítima de bullying.

Numa situação de bullying, encontramos três tipos de intervenientes: a(s) vítima(s) – criança que sofre bullying; agressor(es) – criança que pratica bullying; e testemunha(s) – crianças que não sofrem nem praticam bullying, mas que têm conhecimento dos envolvidos e convivem num ambiente onde isto ocorre.

SINAIS DE ALARME

Nesta área, vários estudos comprovam que existem algumas características comuns nas vítimas de bullying, que constituem sinais de alarme para pais, educadores e professores. São geralmente crianças que têm um aspecto mais frágil e fraco, são ansiosas e incapazes de reagir por si próprias quando são agredidas, têm medo e falta de confiança, têm vergonha e receio de sofrer represálias (por isso, muitas vezes escondem dos pais e da família aquilo que sofrem na escola), entre outras características.

Pelo contrário, os agressores são extrovertidos, têm pouco controlo ou falta de inibição contra as suas tendências agressivas, são provocadores, têm uma atitude positiva em





RESSIVIDADE

PELA Dra. Rita Antunes,
Psicóloga - Consulta de Psicologia
do Desenvolvimento
da Clínica CUF Torres Vedras

Estes comportamentos têm um forte impacto negativo na vida das vítimas e dos agressores, não só no presente como no futuro

relação à violência e acreditam que ela é socialmente aceitável (com pensamentos e ideias-tipo "eu bato quando estou chateado... bater é normal, muitos meninos fazem o mesmo"), têm um forte desejo de dominar e controlar os outros, sentem pouca empatia para com as vítimas e tendem a legitimar os seus comportamentos, subestimando a sua agressividade e atribuindo a responsabilidade a terceiros (como por exemplo, "eu chamei-lhe nomes porque ele também me chamou... se ele não fosse queixinhas eu já não lhe batia, assim é bem feito").

ÁREAS DE INTERVENÇÃO

Estes comportamentos têm consequências, bem como um forte impacto negativo na vida das vítimas e dos agressores, não só no presente como no futuro.

> | CONSEQUÊNCIAS POSSÍVEIS PARA OS INTERVENIENTES

Vítimas e agressores

VÍTIMAS

- ▶ Dificuldades de aprendizagem: ansiedade, falta de concentração e medo (absentismo escolar)
- ▶ Dificuldade em fazer amigos e rejeição dos colegas
- ▶ Baixa auto-estima
- ▶ Perturbações do comportamento alimentar
- ▶ Perturbações do sono
- ▶ Posse de armas
- ▶ Suicídio
- ▶ Outras

AGRESSORES

- ▶ Abuso de substâncias
- ▶ Dificuldades de aprendizagem (absentismo escolar) e falta de limites (desrespeito pelos educadores/professores; aumento de faltas disciplinares)
- ▶ Maior probabilidade de enveredar pelo mundo do crime
- ▶ Fraca capacidade de resolução de problemas ou respostas agressivas
- ▶ Ciclo de violência intergeracional
- ▶ Outras





psicologia



O ideal é apostar na prevenção, recorrendo à ajuda de todos aqueles que fazem parte do dia-a-dia das crianças

Como tal, um dos aspectos mais importantes a trabalhar no caso das vítimas é intervir ao nível da sua auto-estima (trabalhar as dimensões de auto-confiança e auto-conceito) e das suas competências relacionais e sociais. As suas capacidades de autonomia e de auto-afirmação e o facto de saberem que podem falar com adultos (que podem confiar neles) são áreas de intervenção de igual importância.

Deve privilegiar-se também o trabalho com pais e professores/educadores para uma melhor preparação e atenção a possíveis sinais de bullying.

Na escola, devem privilegiar-se, sobretudo, as dinâmicas de grupo dentro das turmas para promover a coesão do grupo, bem como a atribuição de papéis/tarefas de referência, antecipando que a criança/jovem conseguirá alcançar os resultados desejados e investir também em actividades de ocupação de tempos livres em que possam obter sucesso e criar novas rela-

ções positivas (teatro, dança, pintura, etc.).

No caso dos agressores, é extremamente importante incidir sobre as questões relacionadas com a empatia, trabalhando a capacidade de se colocar no lugar do outro e recorrendo a diversas metodologias, como jogos pedagógicos que favorecem as interações positivas (em casa e/ou na escola) e os trabalhos de grupo para potenciar a criação de um espírito de grupo.

É também de extrema importância atribuir-lhes elogios e atenção por papéis e tarefas sociais positivas (como, por exemplo, responsabilizá-lo da organização da festa de carnaval da escola juntamente com outros colegas). Designar um professor-tutor, alguém com quem tenha maior empatia e cumplicidade, e estabelecer reuniões periódicas para tratar individualmente de situações potencialmente complicadas.

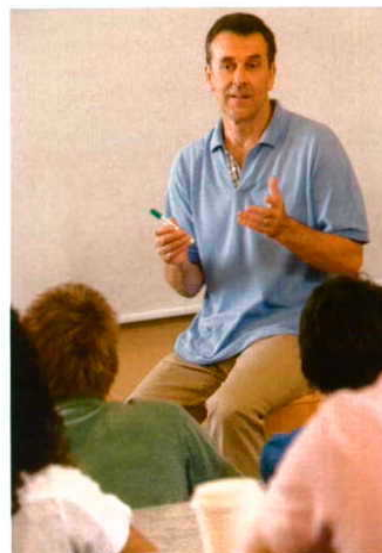
Outra área igualmente importante

está relacionada com a incapacidade dos agressores ao nível da gestão de stress e das dificuldades que demonstram ao serem confrontados com um "não" ou com situações frustrantes (situações em que não consigam alcançar os seus objectivos e em que acabam por perder facilmente o auto-controlo).

IDEIAS A ERRADICAR

Por fim, as crenças e atitudes negativas, não só por parte de pais, educadores e professores, como também de todos aqueles que convivem diariamente com as crianças e jovens, constituem, por excelência, uma área de intervenção neste contexto. Pensamentos e ideias tomadas como "verdades absolutas" (como, por exemplo, "nesta escola não há bullying"; "não devemos proteger as crianças de todos os perigos da vida real, senão ficam mariquinhas"; "Ah, isso não é grave! Que mal pode fazer um bocado de gozo e chamar nomes? Isso passa!"; "Vá, não sejas queixinhas, vai mas é brincar com os teus amigos!") devem ser erradicados e cada situação/ocorrência deve ser analisada individualmente, evitando, desta forma, que possam influenciar negativamente a sinalização precoce de potenciais casos de bullying.

Pelo que o ideal é apostar na prevenção, recorrendo aos meios necessários, com a ajuda de todos aqueles que fazem parte do dia-a-dia das crianças e jovens, tais como pais, professores, psicólogos e/ou outros profissionais das áreas da saúde e da educação.



CISION

ID: 38410920



01-11-2011

Tiragem: 26000

País: Portugal

Period.: Mensal

Âmbito: Saúde e Educação

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 16,79 x 1,07 cm²

Corte: 4 de 4



> | OPINIÃO BULLYING: PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOSES SÃO FUNDAMENTAIS |